

Sobre o pintor Ventura Porfírio

por ADOLFO CASAIS MONTEIRO

PARECE haver ainda quem tome a sério os que, a pretexto de defenderem a forma, as proporções, o equilíbrio, etc., etc., praguejam a cada passo contra os artistas «modernos contemporâneos» (para empregar a clara e inequívoca fórmula de Gaspar Simões), acusando-os de grandes crimes contra aquelas. Seria conveniente esclarecer-se duma vez para sempre a verdadeira causa de tais reacções coléricas, por esses cavaleiros andantes da Forma (com um F muito grande) cuidadosamente oculta—quando não, em certos casos, dêles próprios ignorada.

Indo rapidamente ao ponto doloroso: o tal inimigo dos artistas que não se cingem a uma idólatra e inercítica repetição do já-feito, lança-lhes o seu anátema em nome do passado—sempre em nome do passado. Ora, quem tenha um conhecimento mesmo superficial da história da arte, não ignora que esta não nos oferece uma lição única; e que dentro da própria tradição ocidental, mais duma direcção se oferece. Seria pois lícito perguntar em nome de que passado nos falamos. Mas há pior: para tal espécime, impressionismo ou construtivismo, expressionismo, cubismo, ultra-realismo, tudo é igual. Os argumentos são sempre os mesmos, numa aflitiva monotonia. Pergunta-se: pode haver sinceridade em quem não sabe o que defende e muito menos o que ataca? Vale a pena defender a arte «moderna contemporânea» contra esses seus detractores? Isto é: não haverá tolerância excessiva em aceitar o combate nas condições por êles oferecidas? Evidentemente que sim. Em compensação, afigura-se-me conveniente estudar e explicar o como dêesses ataques; como lição de honestidade, é até utilíssimo não responder-lhes, mas despi-los dos seus véus, desnudá-los na praça pública, para que se veja bem a parte mínima do amor pela arte entre as causas que os impellem a manifestar-se.

Os «homens da Forma», os paladinos do equilíbrio, da harmonia, os que tem sempre no bico da pena frases deste estilo: «mestres escarnecidos», «clássicos desrespeitados», etc., seriam capazes de vender os mestres todos, os clássicos em bloco, mais a forma e o equilíbrio por muito menos de trinta dinheiros! A triste verdade é não haver no fundo de tanto amor pela arte senão uma densa base de ressentimento. Podemos de facto dividir os homens, para melhor intelligibilidade deste caso, em dois grupos: os que se detêm e os que caminham sempre. Estes são capazes de transcender os gostos e os hábitos da sua geração; aqueles fixam-se nesses gostos e nesses hábitos, aferram-se a êles e todo o seu esforço se concentra na defesa da comodidade de não haver nada para além ou fora dêles. Os indivíduos deste tipo não podem pois deixar de lutar desesperadamente contra tudo o que ameace o conforto da sua imobilidade. E que poderão êles de facto sentir, senão ressentimento, para com tudo o que não venha integrar-se no círculo dos seus gostos, dos seus hábitos—para com tudo o que ameace desarrumar-lhes a casa?!

Lembrei-me de tudo isto a propósito dum jovem pintor português: Ventura Porfírio. E lembrei-me porque soube terem os seus trabalhos escandalizado certos jarrões que, para mal da arte, julgam que os jovens pintores só têm um caminho a seguir: imitá-los. Se eu desconhecesse os trabalhos de Ventura Porfírio, pensaria certamente: o moço deve ser discípulo de Picasso, de Dalí ou de Ernst, para assim escandalizar êsses conspícuos pintores! Pois nada disso: Ventura Porfírio, em meu entender, sacrificou até, por vezes, a um academismo pouco louvável. E creio, e espero, que o faça por triste mas forçada transigência para com certos pin-

tadores; sim, porque Ventura Porfírio tem que justificar o bom emprêgo da bolsa que lhe foi concedida para estudar no estrangeiro. E, evidentemente, os tais senhores queriam que êle fôsse ao estrangeiro descobrir... que para além de Velozo Salgado ou de Carlos Reis não há nada! Estranho destino o dos artistas portugueses: quando por excepção (talvez por equívoco?) descontinam nêles o talento, e lhes concedem os meios materiais que lhes permitem aperfeiçoar-se, exigem-lhes em contrapartida que não se aperfeiçoem, que não se cultivem! Será tudo aquillo mero luxo, mero capricho, só para se dizer que se auxiliam os talentos esperancosos? Esses senhores, encerrados no século XIX, que não abandonaram pelas tais razões já expostas, mandam um homem para o século XX—e querem que êle fique no seu (dêles) século XIX. Tem graça, não tem? E ao fim e ao cabo, pretendem naturalmente que os artistas lhes manifestem a sua gratidão... imitando-os, não indo além do ponto onde êles ficaram. Ora isso não é fácil: pois se foi por os moços terem talento que os mandaram para o estrangeiro!

Mas basta de divagações. O caso é que pretendia falar, embora rapidamente, do pintor Ventura Porfírio. Poucos o conhecerão ainda, pois não houve até agora qualquer exposição dos trabalhos por êle enviados de Madrid, Paris, e Bruxelas. Isto não deixa de ser estranho, mas... basta de divagações. Tanto quanto posso julgar pelos trabalhos que vi graças à gentileza do professor Joaquim Lopes—mestre que, diga-se de passagem, sabe respeitar a personalidade dos que são ou foram seus alunos, espírito compreensivo como poucos há no professorado das Belas Artes—há cerca de um ano, e de alguns outros, dos quais tenho aqui excelentes reproduções. Ventura Porfírio aproveitou muitíssimo com o seu estágio lá fora, em Madrid principalmente.

Como já o apontei, Ventura Porfírio não é, nem por sombras, um pintor de vanguarda, ou «modernista», como nos habituamos a dizer. Nada mais equilibrado do que a sua arte, nada mais contrário às tendências actuais para o abstracto; Ventura Porfírio é uma natureza profundamente apegada à realidade tal como nos é dada pela nossa intuição sensível. Porfírio ama as belas formas que a natureza e os seres lhe oferecem, sente intensamente tôdas as virtualidades das coisas tal como vêm de encontro aos nossos olhos. Artista, portanto, dos que não podem desprezar a forma, dos que acariciam amorosamente as coisas. Mas, por outro lado, Ventura Porfírio é, dos que não se contentam com essa beleza, e de si próprios exigem um aprofundamento, uma investigação do conteúdo dessa realidade. E, pois, ds que não tomam a aparência pela realidade, ao invés portanto dos nossos cultores do «simplicismo paisagista», senhores do ensino das artes plásticas entre nós, os quais tem o favor quasi geral do público, ainda medusado pela vaquinha no meio da ervinha, do pastorinho, e quejandas doçuras. Duma sobriedade quasi ascética, incapaz de sepultar o conjunto sob um excesso de detalhes, nada cultor do pitoresco fácil, Ventura Porfírio é uma personalidade forte que não atingiu ainda, sem dúvida, a sua maturidade, que tem ainda muito a aprender (de si próprio, principalmente), mas que nos dá bem a medida do seu valor nos trabalhos realizados nestes últimos três anos de ausência em meios onde a sua personalidade se sentiu sem dúvida mais livre do que neste ocidental refúgio do academismo. Insensível a influências que não sejam as que se harmonizam com a sua maneira de ser, é de notar quanto beneficiou estudando em Madrid com o grande Vasquez Diaz, porventura o melhor mestre que poderia ter.

(Continua na página 7)